

## MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA: UM TECER DE TRAÇOS E IMPRESSÕES

*Lana Magna Sousa Braz\**

### **RESUMO:**

O presente trabalho objetiva refletir sobre o delineamento da memória na teoria freudiano, cuja constituição, entre percepção e consciência, tem como princípio a impressão de intensidades de energia sem inscrição; e sua relação com o conceito de experiência. De uma vivência inicial sentida como caótica surgem as primeiras inscrições de traços mnêmicos provenientes das experiências primárias de satisfação e de dor. A experiência corresponderia à ligação e a retranscrição dos traços mnêmicos, visto fazer referência a algo que ao ser vivido num segundo momento, ou seja, transcrito, produz um sentido passível de ser comunicado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Traços. Experiência.

\*Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás e psicanalista membro em formação do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise de Goiânia. Atualmente é mestranda em Psicologia na UFG e bolsista CAPES (bolsa de mestrado). Endereço para correspondência: Rua RI-12 Qd. 68 Lt. 08 Residencial Itaipú, Goiânia/GO CEP: 74356-042. E-mail: lana.magna@gmail.com

Fazer um percurso com/na psicanálise significa, acima de tudo, um trabalho de memória, pois foi a partir das lembranças relatadas por suas pacientes que Freud identificou processos psíquicos que desafiavam as teorias e saberes da época. Em seu *Projeto para uma psicologia científica* (1895) Freud declara que toda teoria psicológica digna de consideração tem que fornecer uma explicação para a memória. Na *Carta 52* (1896) ele esclarece a relação da memória com a constituição psíquica ao afirmar que o reordenamento de traços mnêmicos corresponde à própria formação do aparelho psíquico. Diante da relevância concedida ao tema, esse estudo visa discorrer acerca da concepção de memória em Freud e sua relação com a construção teórica da psicanálise. Embora seja possível encontrar material sobre a memória em vários escritos de Freud serão privilegiados, para esse percurso, os textos: o *Projeto para uma Psicologia para uma científica* e a *Carta 52*. Essa escolha baseia-se no caráter introdutório destes textos e na fecundidade que eles conservam, mesmo depois de novas produções conceituais.

O Projeto para uma psicologia científica começou a ser rascunhado por Freud após uma visita a Wilhelm Fliess em setembro de 1895. Freud remeteu os manuscritos a Fliess e, inicialmente demonstrou bastante entusiasmo com as descobertas e construções realizadas nesse trabalho. Mas o entusiasmo durou pouco e na *Carta 35*, escrita a Fliess em novembro do mesmo ano, “ele comunicou ter jogado todos os manuscritos da psicologia dentro de uma gaveta ‘onde ficarão dormindo até 1896’” (Freud, 1895, p.337). Durante quarenta e dois anos o Projeto foi esquecido por Freud, que só voltou a vê-lo nas mãos de sua paciente Marie Bonaparte, que o recuperou das mãos dos nazistas. Ao rever o manuscrito Freud tenta recuperá-lo com a intenção de destruí-lo, mas Marie Bonaparte o preserva até mesmo do próprio autor. É só em 1950, quase dez anos após a morte de Freud, que o projeto teve sua primeira publicação. Para o psicanalista Garcia-Roza (1991), autor dedicado ao estudo do Projeto, (...) “embora o texto tenha sido recusado pelo autor, várias ideias nele contidas reaparecem (ou aparecem) em textos posteriores” (p. 70).

Logo no início do projeto Freud (1895) esclarece que a intenção do texto é “prover uma psicologia que seja uma ciência natural” (p.347). É nesse intuito que o autor elabora um modelo de aparelho psíquico de cunho quantitativo e neuronal. Para Garcia-Roza (1991), em seus estudos sobre a Metapsicologia freudiana, o fato de Freud se propor a fazer uma ciência natural e enfatizar aspectos quantitativos e neurológicos não deve ser pensado como uma psicologia experimental. O termo ciência natural poderia designar apenas uma exigência teórico-conceitual necessária à construção de uma

ciência. Além disso, a anatomia e a neurologia que Freud apresenta no Projeto são, segundo Garcia-Roza (1991, p. 80) “fantásticas”. Nesse sentido, apesar do autor usar termos como neurônios, excitação e quantidades, seu modelo não é exatamente neurológico, o que possibilitará a posterior transposição desses princípios para o nível representacional estruturado na primeira tópica.

Freud (1895) inicia seu primeiro teorema sobre o aparato psíquico com o princípio de inércia. Este representa a função primordial do sistema nervoso e consiste em se desfazer inteiramente da energia que incide sobre os neurônios. No entanto, esse sistema é influenciado por outra exigência, a de manter uma quantidade de energia necessária, visto que o escoamento total de energia significaria a morte. Isso ocorre porque o sistema nervoso recebe estímulos não apenas externos, mas também provenientes do próprio organismo, como a fome e a sede. Ao contrário dos estímulos externos, que podem ser evitados, aos estímulos internos não é dada a possibilidade de fuga. Eles cessam apenas após uma ação específica realizada no mundo externo e, para realização desta, é necessário um acúmulo de energia suficiente para provocá-la. Assim, Freud (1895) acentua a obrigatoriedade do sistema nervoso de abandonar sua tendência original à inércia e tolerar a manutenção de um acúmulo de energia suficiente para satisfazer as exigências de uma ação específica.

O processo que tenta conciliar as duas tendências anteriores é descrito por Freud (1895) como a lei da constância. Esta procura manter um acúmulo de energia o mais baixo possível e, ao mesmo tempo, procura se proteger do aumento dessa energia, ou seja, procura mantê-la constante. Nesse sentido, existem duas tendências básicas no aparelho psíquico, uma que busca a descarga total e outra que obriga a armazenar uma quantidade para realizar a ação específica para redução dos estímulos. Essa retenção de energia é explicada por Freud no Projeto (1895) pelas barreiras de contato entre os neurônios. A energia encontra resistência nos pontos de contato entre os neurônios, impedindo a passagem da energia que deveria ser descarregada livremente.

A hipótese das barreiras de contato é fundamental para a compreensão da memória desenvolvida no Projeto. É ela que capacita o aparelho neuronal a armazenar informações, ao invés de apenas conduzir a descarga de energia. Garcia-Roza (1991) acrescenta que sem a memória o aparelho se quer seria um aparelho, a memória é pré-condição para a existência do psíquico, pois é ela que garante ao modelo neuronal partes distintas, limites definidos e um princípio de funcionamento diferente da mera descarga

de excitação. Esses limites definidos originados da retenção de energia por parte de alguns neurônios implicará na existência inicial de duas classes neurônicas. É bom lembrar que o aparelho psíquico descrito por Freud se forma de uma só vez, ou seja, as classes neurônicas são formadas simultaneamente à constituição psíquica e serão tratadas separadamente apenas em caráter didático.

A primeira classe é descrita por Freud (1895) como neurônios permeáveis, que deixam passar a energia como se não tivessem barreiras de contato e a cada passagem permanece no mesmo estado anterior. É formado por “células perceptuais” (p. 351) que captam as excitações externas, e, regidas pelo princípio da inércia, tendem a se livrar de toda a energia circulante. A segunda classe, diferente da primeira, é permanentemente influenciada pelas excitações, só permitindo a passagem da excitação de forma parcial ou com dificuldade. Devido ao mecanismo das barreiras de contato, esse grupo de neurônios tem a capacidade de armazenar energia, tanto externa quando interna. Depois de cada excitação essa classe de neurônios fica num estado diferente do anterior, fornecendo assim uma possibilidade de representar a memória.

Freud (1895/1896) explica que as alterações ocasionadas pelas barreiras de contato deixam traços permanentes no interior do sujeito oriundo de suas experiências iniciais. E são esses traços que, de tempos em tempos, são submetidos à retranscrição. Laplanche e Pontalis, no *Dicionário de Psicanálise* (1986), esclarecem que o conceito de “*traço mnésico*” está sempre inscrito em sistemas, em relação com outros traços” (p. 667). Na *Carta 52* (1896) Freud tenta distinguir diferentes sistemas onde esses traços se inscrevem segundo tipos de associações. É devido às diversas associações entre os traços que uma recordação pode ser evocada por vários caminhos, no entanto, existem caminhos mais facilitados que, como trilhas, são passagens mais curtas escolhidas em detrimento de outras.

Cada caminho aberto se torna uma via privilegiada nos percursos posteriores, mas, como lembra Garcia-Roza (1991), “se cada trilha é facilitadora de um percurso ela o é à condição de excluir outros percursos” (p. 99). Entendida como função de um trilhamento ou facilitação, a memória resulta da diferenciação entre os níveis das barreiras de contato e entre as intensidades de energia responsáveis pela formação das cadeias associativas. Retomando a tendência do sistema nervoso de reduzir o mínimo possível a excitação, as facilitações são alternativas encontradas pelo sistema mnêmico para a descarga da energia livre e, conseqüentemente, para o aumento da permeabilidade desse sistema.

São as associações que, como rastros, deixam um caminho a ser seguido pela excitação, difundindo-a em novas facilidades, abrindo sempre novos caminhos. São esses rastros que possibilitam a reprodução da memória, uma tentativa de percorrê-los novamente. Essas associações nunca poderão ser reproduzidas na íntegra porque não existe um único caminho. Falar de memória não é falar de um traço que se recupera, mas é um processo de produzir um trilhamento possível em busca de um traço que não está determinado, mas que resta apenas enquanto efeito e referência do vivido. A memória é entendida não só como conteúdo isolado, mas como uma rede de associações. Isso implica diferentes modalidades de registros mnêmicos em função da economia energética psíquica.

É possível afirmar que no *Projeto* (1895) organiza-se a primeira subdivisão do sistema em função perceptiva, onde não há modificação do sistema; e de memória, onde o registro se dá na forma de traços mnêmicos permanentes, havendo modificação do sistema. Mas é na *Carta 52* escrita em 1896, que Freud reflete sobre as diferentes modalidades de registro mnêmico. Freud (1896) a inicia afirmando que a memória não é formada de uma só vez, mas por camadas sobrepostas cujo conteúdo sofre alteração de tempos em tempos, ela se desdobra em vários registros e em diferentes momentos. As alterações que ocorrem se dão por meio de uma retranscrição dos traços que incidem sobre o psiquismo. Essas transcrições equivalem a reordenamentos, onde o material psíquico que estava ordenado segundo certos princípios, passa a ser ordenado conforme novos princípios. A memória, antes apoiada nos construtos neurológicos do primeiro tempo de construção do projeto psicanalítico, ganha novos desdobramentos. É registrada em diferentes espécies de indicações e há pelo menos três registros situados entre a percepção e a consciência. Apesar da importância desse sistema para o aparelho psíquico o autor acentua que não se deve negligenciar a percepção e a consciência do funcionamento psíquico.

O primeiro registro mnêmico – *Wahrnehmungszeichen* – é descrito por Freud (1896) como primeira inscrição das percepções. É organizado conforme as associações por simultaneidade e incapaz de assomar à consciência. A descrição desse primeiro registro de percepção evidencia a ausência de traços e aponta apenas impressões sem nenhum tipo de representação, o que indica uma inscrição não estruturada pela linguagem. Nesse sentido, não deveria ser considerado um registro mnêmico, pois está no nível da não representação. No entanto, Freud o articula com o aparelho de memória

como um primeiro tempo dele, o que Almeida (2009) denomina de pré-história do psiquismo. Um paradoxo se instaura quando, na origem do aparelho mnêmico, o que se encontra são registros de percepções amnésicas, ou seja, impressões sensórias que não fazem traços e, portanto, não deixam um rastro a ser seguido num segundo tempo.

É apenas o segundo registro que se caracteriza como uma inscrição propriamente mnêmica. Descrito como traços de lembranças conceituais organizados segundo a associação por causalidade, esse registro se fundamenta nas barreiras de contato, que funcionam como um contra-investimento à excitação, o que fica é a inscrição do evento no aparelho psíquico e as associações entre eventos por meio das facilitações, já abordadas na discussão do Projeto. Quando os traços se associam eles formam o que Freud denominou de lembranças conceituais, uma ideia propriamente inconsciente acerca das inscrições das primeiras experiências, impressas no sujeito.

Pode-se supor que as inscrições são traços de impressões sensórias (auditivas, visuais, táteis), traços de objetos que, mesmo sem significação, foram inscritos no inconsciente. Fazem referência a imagens do objeto, ou de algo do objeto que se inscreve nos sistemas mnêmicos sob a forma de fragmentos. Pode ser exemplificado como o momento em que o bebê na relação com o outro, mesmo sem encontrar representação possível para dar conta dessa experiência, assimila traços, fragmentos do que lhe escapa. Algo fica como um resto, traços ainda não simbolizáveis, que na ausência do objeto, são investidos formando essas lembranças conceituais.

É a entrada na linguagem com a instauração do ego que possibilita o terceiro registro e a retranscrição dos traços anteriores, agora ligados às representações verbais (Freud, 1896). Tal fato também foi descrito no Projeto, quando Freud conclui que é associando-se a uma imagem verbal que a imagem mnésica pode adquirir o índice de qualidade específico da consciência. Essa retranscrição, agora marcada pela linguagem, ocasiona a presentificação das impressões e dos traços que incidiram sobre o sujeito e a significação destes por meio da palavra. Segundo Garcia-Roza (2001) as inscrições vão ser objeto de reintegração do sistema consciente. É por isso que é num só depois que uma experiência passada, em função do desenvolvimento do sujeito, terá a eficácia causal de uma experiência, que até então estava inscrita no inconsciente sem uma significação correspondente.

Analisando esses três registros da memória e articulando com a construção teórica já esboçada no projeto é possível identificar que o aparelho psíquico passa a ser pensado em níveis representacionais e sua dinâmica se dá por meio da tradução de uma

modalidade de registro a outra. Nota-se que o primeiro registro caracteriza-se pela inscrição de signos perceptivos, mas que pela ausência da ação da linguagem, não é representada. O segundo e terceiro registros fazem referência ao modo como os acontecimentos são escritos de forma permanente na memória, podendo ser reativados por efeito de investimentos. Essa escrita pressupõe a ação da linguagem, como possibilidade de representar o que dos objetos percebidos foi inscrito nos sistemas mnêmicos. Essa inscrição se dá sob a forma de imagens mnêmicas, descritas no segundo registro e sob a forma de imagens verbais do terceiro registro.

Para Freud (1896) a ligação entre esses três registros, que ocorre entre percepção e consciência, é capaz de dotar o vivido de uma qualidade especial. No entanto, devido a não inscrição do primeiro registro, essa tentativa de retomar os caminhos associativos entre percepção e memória não pode ser alcançado de forma totalizante, pois existe algo impossível de ser recuperado. Por mais que as facilitações formem caminhos privilegiados, esses caminhos se entrecruzam formando uma rede complexa de tal modo que a repetição exata de um mesmo percurso se torna impossível (Garcia-Roza, 1991). Assim, a memória não é a reprodução exata de um traço concebido como imutável, mas uma memória constituída nos diferentes arranjos das facilitações.

O primeiro registro, constituído de impressões sem inscrições, marca uma ausência e uma presença. A ausência de traços mnêmicos e a presença de uma intensidade de energia que, mesmo sem inscrição, busca a transcrição e o retorno de uma experiência não inscrita. Mesmo não sendo possível retomar integralmente os traços que ligam o sistema perceptivo e os registros da memória, a ligação descrita por Freud e a qualidade que ela oferece pode ser interpretada como experiência, visto fazer referência a algo que ao ser vivido num segundo momento, ou seja, transcrito, produz um sentido passível de ser comunicado.

Ao mesmo tempo em que o terceiro registro possibilita a significação do vivido por meio das representações verbais, é com a introdução dele que o caráter traumático dessas inscrições se manifesta, gerando assim o recalçamento propriamente dito. O recalque é descrito por Freud (1896) como uma falha na tradução e ocorre como defesa para evitar um desprazer que seria gerado por uma retranscrição. Freud (1896) acentua que esse caso só pode ocorrer com os eventos sexuais, pois a intensidade das excitações causadas por eles aumentam com o tempo. Assim, “(...) o que determina o recalçamento é um evento sexual e sua ocorrência numa fase anterior” (p. 284).

Nesse sentido, para a diferenciação dos registros mnêmicos é indispensável o par sexualidade e recalque. O primeiro origina-se da escrita de um outro no corpo do sujeito que, a partir daí, passa a ser um corpo erógeno, marcado por traços que o impulsionam a se ligar com o mundo externo. O segundo busca justamente negar esses traços, impedir sua retranscrição e, conseqüentemente, impedir o sujeito de apropriar-se de sua própria experiência. A partir daí está posta a divisão do aparelho psíquico em inconsciente e consciente.

O esquema topográfico trabalhado no Projeto e na *Carta 52* apresenta-se de forma mais sintética em 1925, quando Freud escreve Uma nota sobre o Bloco Mágico. Esse texto explica a divisão do aparelho psíquico em consciência e memória e esclarece que nosso aparelho mental “(...) possui uma capacidade receptiva ilimitada para novas percepções e, não obstante, registra delas traços mnêmicos permanentes, embora não inalteráveis” (Freud, 1925, p. 256).

Em uma aproximação do Bloco Mágico com o aparelho psíquico Freud estrutura a ideia de que o aparelho perceptual, que consiste em duas camadas, funciona de forma semelhante ao Bloco Mágico. A cobertura de celulóide e papel encerado assemelha-se ao sistema perceptual/consciente, que funciona como escudo protetor, recebendo os estímulos externos, no caso a escrita. Seu objetivo é reduzir a intensidade das impressões que incidem sobre o aparelho. A prancha de cera por trás pode ser comparada ao inconsciente, onde ficam retidos os traços permanentes. Nesse sentido, é no inconsciente que residem os traços que compõe a história do sujeito e todas as suas experiências.

Foi a partir desse engenhoso instrumento que o autor esclareceu o modelo do aparelho psíquico, chegando à descrição e ao funcionamento do mesmo. No bloco mágico é feita uma escrita que não se dá diretamente sobre a placa, e sim intermediada pela folha que a recobre. Esta transmite a escrita para a placa de cera que retransmite a escrita para a folha de celulóide. Para desfazer a anotação basta levantar/descolar a folha da placa e os pontos de contato entre elas se desmancham, anulando a ligação entre elas e a visualização da escrita.

Assim como a folha, a percepção media a escrita no inconsciente/memória. No aparelho psíquico a escrita do mundo externo deixa traços em diferentes registros e períodos. A ligação entre eles pode levar à visualização dos mesmos, ou seja, torná-los consciente. A ação do recalque pode ser comparada ao levantar da folha, uma forma de desfazer as associações entre os traços e impedir sua visualização e sua leitura.



Ao explicar o funcionamento do aparelho perceptual, Freud (1925) retoma o fator econômico discutido no Projeto, em que a consciência resultava de períodos de excitação dos neurônios mnêmicos. Como se refere Freud (1925): “É como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o veículo do sistema Pcpt.-Cs, orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes” (p. 259).

Com essa explicação Freud aponta a primazia do sistema inconsciente sobre o sistema Pcpt.-Cs e a impossibilidade de perceber todos os estímulos. A percepção destes requer a participação ativa do inconsciente que se dá de forma descontínua. Mesmo assim, é evidente a ação dos traços mnêmicos nas atividades da consciência por meio da seleção do que é percebido, julgamentos e escolhas em torno do que se fez marca no inconsciente. O que indica que a percepção é presente e passado visto ser orientada também pelo que se fez memória. É em torno dessa memória, como uma busca incessante das impressões e traços escritos na relação com o outro que o sujeito constrói suas experiências. Ter uma experiência significa recuperar alguns desses traços soterrados na memória, cujas ruínas revelam o sujeito do inconsciente.

### ***A escrita da dor e do desejo***

A forma de organização da energia endógena é trabalhada no Projeto em função de duas experiências míticas: vivências de satisfação e de dor. São essas experiências primárias que irão formar os circuitos associativos primordiais do sujeito. É na tentativa de percorrer esses caminhos ou de evitá-los que a teoria psicológica da memória é construída. No entanto, acessar a memória não significa rememorar essas vivências iniciais, mas ser despertado e guiado por elas. Para melhor compreender essa afirmação faz-se necessário retomar a experiência inicial do sujeito, marcada pelo desamparo frente às demandas externas e internas.

O ser humano ao nascer não tem proteção contra as ameaças decorrentes do mundo externo, assim como é incapaz de eliminar as tensões endógenas, ligadas às necessidades vitais. Isso faz com que exista uma excitação constante do aparelho psíquico, que Freud vai apontar como sendo a sede do impulso que sustenta toda a atividade psíquica, a vontade, “o derivado das pulsões” (1895, p.369). É esse armazenamento de energia endógena que cria um impulso para toda a atividade

mnêmica e uma propensão à descarga. Mas nenhuma descarga pode produzir alívio porque o estímulo endógeno é constante.

O estímulo endógeno só pode ser abolido por meio de uma ação que suspenda provisoriamente sua descarga. E é exatamente isto que o recém-nascido não é capaz de fazer sem o auxílio de outra pessoa. É a eliminação da tensão decorrente dos estímulos endógenos que Freud (1896) denomina vivência de satisfação. O fundamental na vivência de satisfação reside em depender de um outro para realizar a ação específica que cesse, ao menos provisoriamente, a excitação endógena. Como explica Freud:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. (Freud, 1895, p. 370).

A experiência de dependência do outro não se desdobra de maneira unificada e integrada, mas na forma de fragmentos perceptivos do objeto que produz satisfação. Esses fragmentos precisam ser ligados por processos associativos e, a partir daí estabelece-se uma facilitação, de modo que, ao se repetir o estado de tensão, surgirá um impulso que procurará reinvestir esses traços do objeto, com a finalidade de reproduzir a satisfação original (Freud, 1895). A vivência de satisfação gera uma facilitação entre a imagem do objeto de satisfação e a imagem do movimento que permitiu a descarga, reativando-as e produzindo algo como uma percepção do objeto, um objeto alucinado. É a experiência de satisfação real e alucinada que constitui a base do desejo. Esse tem sua origem na procura da satisfação real, mas constitui-se segundo o modelo da alucinação, visto que é a reativação do traço mnêmico do objeto que é investida, sem que essa reativação seja acompanhada da presença do objeto real. Quando é introduzida uma ação seguida à alucinação, a consequência inevitável é o desapontamento.

O mesmo vai acontecer com a experiência da dor, que consiste em um aumento excessivo do nível de energia. Quando esse aumento de energia ocorre surge uma propensão à descarga, seguida da associação desta com a imagem mnêmica do objeto que provoca a dor. Quando a imagem mnêmica do objeto é renovadamente investido por qualquer razão, surge um estado que não é o da dor, mas um afeto acompanhado de desprazer. Garcia-Roza (1991) esclarece que o termo afeto é usado por Freud para designar a reprodução de uma vivência de dor, o que implica desprazer e não dor física.

Esse estado inclui, além do desprazer, a tendência à descarga que corresponde à experiência da dor. Na experiência da dor propriamente dita o aumento da tensão era provocado por uma energia irruptora de fonte externa. Na reprodução da experiência – no afeto – a única energia adicional é a que catexiza a lembrança, quer dizer que o aumento da tensão é produzido internamente. Por isso, Freud (1895) afirma que o desprazer é liberado no interior do corpo e de novo transmitido.

As experiências de satisfação e dor irão constituir os estados de desejo e afeto, com base em um aumento de tensão no sistema mnêmico. Freud (1895) acrescenta ainda que estados de desejo e afeto vão produzir dois mecanismos básicos do aparelho psíquico: a atração de desejo primária, que consiste na atração para o objeto desejado e por sua imagem mnêmica; e a defesa primária ou recalque, repulsa em manter investida a imagem mnêmica da dor. Dessa forma, o aparelho psíquico está fundamentado em duas experiências prototípicas que deixam dois registros nas facilitações: o desejo e o afeto.

Segundo o processo primário, o aparelho psíquico visa à repetição das experiências, por meio da identidade perceptiva e da descarga da intensidade de energia. Assim, a vivência de satisfação deixará facilitações na direção do objeto de desejo, enquanto a dor deixará inibições na direção do objeto hostil (Freud, 1895). Desejo e afeto se constituem como trilhas associativas que se prestarão a um reinvestimento intensivo.

São essas trilhas que darão expressão à compulsão à repetição que rege o aparelho psíquico no processo primário: “Ambos os estados [afeto e desejo] são da maior importância para a passagem da quantidade de energia no sistema mnêmico, pois deixam atrás deles motivações para isso, que se constituem no tipo compulsivo” (Freud, 1895, p. 374). Disso decorre o modo originário de funcionamento do aparelho psíquico, a saber, a compulsão à repetição, pois, ser um aparelho fundamentalmente de memória significa que seu funcionamento visa repetir a experiência de satisfação e evitar a experiência de dor, isso pelo investimento ou recalque de registros mnêmicos que levam a representações dessas primeiras vivências.

É para impedir o desprazer proveniente do aumento de energia provocado pelo investimento da imagem mnêmica do objeto de desejo e do objeto de dor que uma formação do sistema de memória se diferencia. Essa formação é denominada *eu* e executa a inibição da recordação ou da imagem do objeto de satisfação primitiva. A partir daí identifica-se o modelo do recalque pela evitação da lembrança ou do traço mnêmico que causaria desprazer (Freud, 1896).

Freud (1896) parte do pressuposto de que o *eu* surge de um estado de pura dispersão de excitações, um momento de indiferenciação original. Nesse momento a excitação que atinge o neurônio tende a distribuir-se através das barreiras de contato que oferecem menor resistência, em direção à descarga motora. Entretanto, se um neurônio vizinho é investido simultaneamente à excitação, ao invés de se dirigir à descarga, tem seu curso alterado em favor de um *investimento colateral*. Essa alteração do curso atua como uma facilitação temporária da barreira de contacto existente, modificando o curso da excitação. Assim, pois, um investimento colateral atua como uma inibição do curso da excitação e produz uma ligação, quer dizer, uma contenção ao livre escoamento das excitações transformando a *energia livre* em *energia ligada*. São essas ligações que vão constituir um primeiro esboço de organização a partir do Id: “Essa organização se chama eu” (Freud, citado por Garcia-Roza, 1991, p.150).

Após ser formado, o *eu* tende a se livrar dos seus investimentos pela satisfação das necessidades. Isso só é possível se ele interferir nas passagens de energia, inibindo o reinvestimento da imagem mnêmica de satisfação ou da imagem mnêmica hostil, caso se trate não da percepção do objeto, mas sim da lembrança do objeto. É nesse momento que Freud (1895) recorre a uma terceira classe de neurônios, responsável pela percepção-consciência com a finalidade de fornecer ao sistema mnêmico signos de realidade ou signos de qualidade (Freud, 1895). São esses signos de qualidade que vão servir de indicação para a distinção entre a lembrança do objeto desejado e o objeto percebido, denominados respectivamente por Garcia-Roza (1991) de: representação-lembrança e representação-percepção.

Uma das funções do eu é inibir a descarga quando na ausência do objeto real. Freud dedica três seções do final da parte I do Projeto à análise das experiências mentais que visam o discernimento entre a imagem mnêmica de desejo e a imagem percebida. O objetivo é, a partir da imagem perceptiva dada, atingir a imagem perceptiva desejada. Isso só é possível a partir da dessemelhança entre a imagem mnêmica desejada e a percebida. Quando as duas imagens não coincidem, surge o ímpeto para a atividade do pensamento, que voltará a ser interrompida pela coincidência entre ambas.

Uma pré-condição para busca de identificação, é que os objetos que outrora trouxeram satisfação real, tenham sido perdidos (Garcia-Roza, 1995). É a perda que constitui o sujeito e o coloca num lugar de sustentação para qualquer tipo de experiência. Pois se o sujeito se encontra na presença do objeto real ele não irá construir simbolicamente seu registro psíquico. Este só se produz a partir de uma ausência e ao

sujeito caberá reencontrar o objeto perdido, seguindo seus rastros. Como o objeto que o sujeito encontra nunca é o objeto real, a busca não cessa, o que faz do desejo o motor do aparelho mnêmico. É a partir da experiência de satisfação que se constitui a base do desejo e a busca incessante de objetos que o satisfaçam, engendrando assim, a repetição. A relação da experiência de satisfação com a memória consiste em, através da repetição, construir caminhos preferenciais, ou seja, facilitações baseadas no prazer que esses caminhos e sua repetição causam. Nesse sentido, a memória implica uma preferência na escolha dos trajetos e o desejo é o seu guia.

## **REFERÊNCIAS:**

ALMEIDA, M. T. F. *A memória nas órbitas do real: o afeto de angústia na psicanálise e na arte*. Tese de doutorado. Brasília, UNB. 2009.

FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1896). Carta 52. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1925) Uma nota sobre o bloco mágico. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das obras completas de Simund Freud*. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. vol. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. vol. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

## **MEMORY AND EXPERIENCE: A WEAVING OF TRACES AND IMPRESSIONS**

**ABSTRACT:**

This paper aims to reflect on the design of memory in Freudian theory the constitution, between perception and consciousness, is beginning to print without registration energy intensities; and its relationship with the concept of experience. From an initial experience felt as chaotic are the first entries of memory traces from the primary experience of satisfaction and pain. The experience correspond to binding and retranscription of memory traces , as referring to something to be lived in a second time, ie, transcribed , produces a sense that can be communicated .

**KEYWORDS:** Memory. Traits. Experience.

**MÉMOIRE ET EXPÉRIENCE : A TISSER DES TRACES ET IMPRESSIONS**

**RÉSUMÉ:**

Ce document vise à réfléchir sur la conception de la mémoire dans la théorie freudienne, la constitution , entre la perception et la conscience , commence à imprimer sans intensités énergétiques d'inscription; et sa relation avec le concept d'expérience . De une première expérience ressentie comme chaotique sont les premières entrées de traces mnésiques de l'expérience primaire de satisfaction et la douleur. L'expérience correspond à la liaison et retranscription des traces de mémoire, comme se référant à quelque chose à vivre dans un second temps , ce est à dire , transcrite , produit un sentiment qui peut être communiqué.

**Mots-clés:** Mémoire. Traits. Expérience.

Recebido em: 13-04-2016

Aprovado em: 02-05-2016

©2016 Psicanálise & Barroco em revista

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)